

ANDRÉ CARNEIRO

Universidade de Évora, CHAIA/UÉ, Departamento de História,
colaborador do CECH-UC

ampc@uevora.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>

A *VILLA* DA HORTA DA TORRE (FRONTEIRA):
UM MODELO DE MONUMENTALIDADE
NA ARQUITETURA RURAL PRIVADA DA *LUSITANIA*

THE ROMAN VILLA IN HORTA DA TORRE (FRONTEIRA):
A MODEL OF MONUMENTALITY IN THE PRIVATE
RURAL ARCHITECTURE OF *LUSITANIA*
“Conimbriga” LXI (2022) p. 87-123

http://doi.org/10.14195/1647-8657_61_3

Texto recebido em / Text submitted on: 11/07/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 26/01/2022

RESUMO: Escavações em curso desde 2012 em Horta da Torre (Fronteira, Alentejo, Portugal) permitiram identificar uma *villa* com uma sala de dupla abside coroada por um *stibadium*. Os 90m² da sala apresentam um pavimento que permitia o controlado fluir de uma fina camada de água, criando um cenário artificial no qual a natureza e as estruturas construídas se combinavam. As paredes eram cobertas com mosaicos policromos e elementos aquáticos decoravam toda a sala. Investigação posterior utilizando geo-radar identificou que o complexo pertence a um edifício de 3ha, com dois pátios rodeados por peristilos. Este é um protótipo comum nas *villae* que no final do século III dominavam a paisagem rural da Lusitania. É apresentado um detalhado resumo dos trabalhos de oito campanhas arqueológicas. Em contexto mais amplo, outras *villae* si-

tuadas na região envolvente serão referidas, colocando a Horta da Torre como mais um exemplo do empreendedorismo privado na paisagem rural da Lusitania.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura romana; *Lusitania*; *Stibadium*; *Villa* romana.

ABSTRACT: Ongoing excavations since 2012 in Horta da Torre (Fronteira, Alentejo, Portugal) have allowed discovering a *villa* with double-apse room crowned by a *stibadium*. The 90m² room was entirely paved allowing the delicate flow of running water, where nature and built structures combined to create an artificial scenario. Walls were covered with polychromic mosaics, and aquatic elements decorated all the room. Further research used georadar, allowing to identify a major 3ha building, with two patios surrounded by perystiles. This is a common prototype used in the monumental *villae* that in the 3rd century dominate the rural landscape in *Lusitania*.

A major overview of the results is presented, with a balance of the eight archaeological campaigns. In a wider context, other *villae* in the surrounding region will be referred, placing the Horta da Torre as one more element in the display of private entrepreneurship in the rural landscape in *Lusitania*.

KEYWORDS: Roman architecture; *Lusitania*; *Stibadium*; Roman *villa*.

A *VILLA* DA HORTA DA TORRE (FRONTEIRA): UM MODELO DE MONUMENTALIDADE NA ARQUITETURA RURAL PRIVADA DA *LUSITANIA*

1. A *villa* da Horta da Torre: discussão de componentes

Após uma primeira sondagem preventiva realizada em 2004/2005, a *villa* da Horta da Torre tem sido objeto de um programa de investigação multidisciplinar em curso desde 2012¹. Se os resultados da primeira intervenção revelaram estruturas altamente destruídas pelos trabalhos agrícolas, o projeto em curso revelou um dos mais notáveis sítios arqueológicos na região do Alto Alentejo. Este território pertenceu à antiga província da *Lusitania* com capital em *Augusta Emerita*, pelo que estaria englobado no *conventus* emeritense (FIG. 1). A densa rede viária da região (CARNEIRO, 2008) proporciona facilidade de deslocações e abastecimentos, quer com o litoral, quer com a capital provincial, e a Horta da Torre em particular beneficia de uma evidente proximidade a um troço do que seria o itinerário XIV de Antonino (CARNEIRO, 2008: 58-67) com passagem pela próxima *mansio* (?) de *Abelterium* (atual povoação de Alter do Chão). A Horta da Torre encontra-se a menos de 500m deste itinerário, com o qual mantém contacto visual, e do qual beneficiou para se encontrar plenamente integrada nos circuitos de comunicação regional (FIG. 2).

A região envolvente apresenta uma paisagem pontuada por *villae* com *pars urbanae* dotadas de grande monumentalidade e que na envolvente conservam edifícios dedicados às atividades rústicas, pelo que as estruturas construídas se espalham por hectares (vários exemplos em CARNEIRO, 2014). No caso da Horta da Torre temos um quadro

¹ Projeto FRONTAGER aprovado pela Direção Geral do Património Cultural, contando com o financiamento e apoio logístico exclusivo do Município de Fronteira.

similar, visto que existem várias estruturas ainda dotadas de grande porte e monumentalidade aflorando à superfície em áreas dispersas. No entanto, os trabalhos agrícolas e ações de saque criaram grandes danos e destruições feitas de forma intencional. Contra todas as expectativas, as escavações permitiram identificar um conjunto estrutural em surpreendente bom estado de conservação. Também na leitura interpretativa os resultados têm sido relevantes, pois além da fase plena de ocupação da *villa* imperial foram recuperados indicadores referentes a um – ou vários – momentos de presença pós-abandono, com um conjunto informativo que constitui um dos mais bem documentados nas *villae* da *Lusitania* (CARNEIRO, 2020). No entanto, este texto centra-se na descrição das estruturas em curso de escavação desde 2012, e que se organizam em torno de uma sala de dupla abside com *stibadium*.

2. Enquadramento: implantação na paisagem

O sítio da Horta da Torre encontra-se na freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira. Na sua envolvente existe um balneário termal para fins medicinais no vale da Sulfúrea, a cerca de 2km na direção norte. Embora nunca tenha sido objeto de intervenções arqueológicas, tem segura ocupação em época romana (CARNEIRO, 2005: nº 150). Este recurso estratégico encontra-se conectado à *villa* pelo referido troço viário. Da mesma forma, todo o atual concelho de Fronteira (CARNEIRO, 2014 II: 249-281) apresenta uma densa concentração de pontos de povoamento de época romana, ascendendo a um total de 56 ocorrências, ou seja, 1/04km², a mais alta densidade da região. Se abrirmos o foco para uma escala mais elevada, observamos como em um raio de 10km² em torno de Horta da Torre se encontram outras *villae* ou, pelo menos, locais com grande extensão e volume de indicadores de presença romana: São Pedro, Santo Cristo, Almo (concelho de Fronteira) e Santo António das Paredes e Torre de Palma (concelho de Monforte). Além da passagem do itinerário e do referido balneário termal, deve ser considerada a existência de solos de excelente capacidade agrícola, além de uma grande diversidade de modelos de paisagem que permitem estratégias económicas multivariadas e de amplo espectro.

A implantação do local também corresponde ao modelo das *paisagens ideais* que as *villae* tanto procuram (CARNEIRO, 2014 I: 144-151). Verificamos que o sítio encontra-se implantado em encosta suave a

meia altura, desfrutando de excelente visibilidade, protegido dos ventos de norte e beneficiando da máxima exposição solar. Na base corre um curso de água permanente, com manancial constante mesmo em anos de seca, e junto à linha de água existe um açude, bem como um conjunto de canais que poderão ter sido originalmente construídos para beneficiar a *villa*. Sublinhe-se que a conceção do plano arquitetónico da Horta da Torre incorpora esta relação visual que se estabelece com o vale: as estruturas construídas organizam-se em níveis topográficos sucessivos, como que em escalões diferenciados, recorrendo a degraus que vencem as diferentes cotas. Esta disposição tem inúmeras vantagens: uma mais eficaz exposição solar, a criação de vários planos descontraídos para contemplação da paisagem e a circulação de água pela ação gravítica (que, como veremos, tem grande importância no desenho do sítio) são exemplos. Para já, na área escavada distinguem-se dois níveis topográficos principais e constantes: o da sala de dupla abside onde se encontra o *stibadium* e o peristilo grande, e depois, a um nível topográfico inferior, o pequeno peristilo. Esta conceção do espaço em patamares permite que se desfrute de planos de contemplação e uma relação visual com o exterior que foram importantes no momento de estabelecer a planificação do conjunto construído.

3. A Horta da Torre: investigação

Apesar de existirem estruturas visíveis à superfície e de ser bem conhecida entre a população local, a *villa* nunca beneficiou de qualquer ação de salvaguarda ou de investigação científica. Este facto é revelador da investigação arqueológica conduzida nesta região, uma vez que a Horta da Torre encontra-se a cerca de 8km de Torre de Palma (Monforte), a mais extensamente escavada *villa* do território português, onde por mais de 50 anos decorreram trabalhos arqueológicos promovidos por arqueólogos portugueses e norte-americanos (LANCHA e ANDRÉ, 2000). Apesar da intensidade da pesquisa no sítio monfortense, a região envolvente nunca foi estudada no âmbito da Arqueologia da Paisagem ou do Povoamento Romano, uma linha que em Portugal apenas começou a ser trabalhada na viragem do milénio (LOPES, 2003; CARVALHO, 2007, para exemplos de outras áreas regionais).

Por esse motivo, a Horta da Torre permaneceu no essencial ignorada pela investigação até ser reconhecida em 1999 no âmbito dos

trabalhos para a Carta Arqueológica de Fronteira (CARNEIRO, 2005: nº 48). Na primeira visita (16/11/1999) observou-se o profundo estado de degradação patrimonial do sítio, muito mutilado por trabalhos agrícolas danosos, por ações intencionais de destruição e ainda afetado por campanhas de detetoristas que procuravam a rica cultura material que o revolvimento agrícola proporcionava (descrição em SERRAS, 1997: 177-179). Em 2004, os trabalhos agrícolas destruíram um pavimento de mosaico, levando à realização de uma sondagem arqueológica de emergência. No entanto, as estruturas identificadas estavam tão arrasadas que se suspenderam escavações até 2012. Foi neste ano que se decidiu retomar os trabalhos, no quadro de um projeto de investigação mais vasto que tem mobilizado uma ampla equipa de colaboradores, reunidos em torno de uma perspetiva interdisciplinar e integrada para o estudo do sítio. Nesse campo, tem sido feito um intenso trabalho de levantamento fotográfico de alta precisão com voos drone que permitem realizar uma referenciação rigorosa de todas as estruturas (FIG. 3). Depois de trabalhadas gráfica e informaticamente, procede-se à reconstituição 3D e à criação de modelos virtuais, procurando assim analisar os ambientes e as propostas de interpretação². Esta análise é feita a partir das evidências colocadas à vista pela filosofia de intervenção arqueológica conduzida desde 2012, que tem sido centrada na utilização de um método de *open area*, de modo a recuperar o máximo da planimetria conservada das estruturas. Em continuidade, têm sido desenvolvidos estudos colaborativos sobre a composição dos materiais construtivos (VALDEZ MADRID, 2019), os revestimentos marmóreos ou os restos de fauna, por exemplo.

A análise do território envolvente e dos padrões de povoamento em época romana foi realizada em continuidade desde 1999. Contudo, em 2018, a Arqueologia da Paisagem tornou-se o eixo central do *Fronteira Landscape Project*, resultante de uma colaboração entre a Universidade de Évora e a Universiteit Leiden financiada pela Prins Bernhard Cultuurfonds, e com co-direção de Tesse D. Stek, Jesus García Sánchez e Rogier Kalkers (CARNEIRO *et al.*, 2019, para os primeiros resultados).

² Equipa de trabalho constituída por João Marques (Geodrone.pt) e Jesus García Sánchez para voos drone, Gonçalo Lopes para a reconstituição volumétrica, Carlos Carpetudo para a virtualização 3D, Mónica Rolo, Vanessa Dias e Ana Martins para o estudo de espólio e tratamento gráfico. Uma primeira proposta pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=0zyEanG9aVk>

Neste quadro, também foi possível realizar em 2018 e 2019 extensas campanhas de prospeção com recurso a geo-radar. Os resultados foram surpreendentes, permitindo perceber que a *villa* da Horta da Torre se estende por mais de três hectares de área construída. O estado de conservação das estruturas permite uma leitura clara da organização espacial da *villa*. O seu modelo planimétrico organiza-se em torno de dois grandes pátios, como sucede na vizinha *villa* de Torre de Palma, estando a área em curso de escavação situada precisamente num dos extremos do pátio de maior dimensão. Percebemos assim que a sala seria um espaço destinado a uma frequência sazonal, visto que para o seu acesso é necessário percorrer um circuito próprio. Da mesma forma, o *Fronteira Landscape Project* permitiu intensificar a escala de área coberta em prospeções super-intensivas, partindo da base de trabalhos realizados no âmbito da Carta Arqueológica municipal (1999-2004). Os resultados desta análise de Arqueologia da Paisagem são relevantes, mas serão trabalhados em outros estudos, visto que em seguida trataremos os dados da escavação arqueológica.

4. Resultados da intervenção arqueológica: tempos e espaços

4.1. A sala do *stibadium*

Após os decepcionantes resultados da sondagem de 2004, a escavação iniciou-se em 2012 com uma sondagem envolvendo a grande estrutura visível que origina o topónimo: o nome de *Torre* designava o perímetro semi-circular de um muro que aflorava à superfície e que no imaginário local era interpretado como sendo uma estrutura defensiva onde os romanos procediam à observação dos seus inimigos (SERRAS, 1997: 177).

As escavações confirmaram tratar-se de uma sala de dupla abside, em surpreendente bom estado de conservação (o muro norte tem uma cota máxima de 1,25m de altura conservada). A análise feita às argamassas de construção dos muros (VALDEZ MADRID, 2019) permitiu confirmar que ambos pertencem a uma mesma fase de construção, algo que pela análise arquitetónica estava em dúvida, visto que os muros não se interseam de forma perfeita. O espaço apresenta uma planta conforme às recomendações de Vitruvio (VI, 3, 8), que aconselham uma proporção na qual as dimensões do comprimento

deveriam ser o dobro das da largura, criando um plano visual que prolonga o do peristilo. O decorrer das escavações demonstrou que esta lógica é seguida de forma perfeita, permitindo que o visitante que entrasse no peristilo grande contemplasse imediatamente a abside no extremo oposto.

Esta dupla abside envolve a estrutura de um *stibadium* (HIDALGO PRIETO, 2016a: 210-220; MORVILLEZ, 2019; para a sua função no momento de *convivium* ver DUNBABIN, 2003) (FIG. 4). O seu aparelho de construção é frágil, visto ser constituído por pedras cuidadosamente colocadas e revestidas exteriormente por um estuque fino, mas com um ligante de terra sem argamassa, à semelhança de exemplos egípcios (ALFARANO, 2018), correspondendo genericamente a uma das tipologias conhecidas (MORVILLEZ, 1996: 128-130). A sua data de construção permite uma datação para meados/ finais do século III, um momento posterior à planificação da sala, visto que o *stibadium* assenta sobre o pavimento. Registe-se ainda que se trata do segundo exemplar identificado no território português a seguir ao de Rabaçal (PESSOA, 2008), tendo como paralelos conceptuais o caso de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba) (VAQUERIZO GIL e NOGUERA CELDRÁN, 1997) e – em especial pelas semelhanças na conceção da estrutura e ambiente –, o de Faragola (Ascoli Satriano) e (VOLPE, 2006).

Podemos assim observar que a *villa* da Horta da Torre assume-se como um *unicum* no território do *conventus* emeritense: na realidade, as *villae* mais próximas apresentam como modelo preferencial o espaço da sala de tripla abside, como em Quinta das Longas (Elvas) e Torre de Palma (Monforte). É certo que não estamos a comparar áreas funcionais exatamente idênticas, uma vez que as prospeções de geo-radar confirmaram que a sala do *stibadium* em Horta da Torre se encontra em posição periférica no pátio de maiores dimensões, pelo que o ambiente preferencial para a receção de convidados está em outro ponto, presumivelmente na entrada do segundo pátio. Contudo, verifica-se que nas citadas *villae* não existe qualquer protótipo arquitetónico semelhante, visto que predominam esquemas que poderemos considerar como mais conservadores, em torno do modelo de tripla abside. Note-se que a utilização do *stibadium* parece ser esporádica na *Lusitania*, predominando em áreas litorais, uma vez que para o interior está de momento ausente. Em particular para todo o território a sul do Tejo os exemplos são inexistentes, dada a ausência de qualquer evidência direta do ponto de vista estrutural, bem como de indicadores indiretos, como no caso

da decoração *in absentia* dos pavimentos de mosaicos. Neste último caso, temos como exemplos mais próximos, mas a norte do Tejo, o caso de Martim Gil e também de Arneiro, na região de Leiria (*Colippo*), que apresentam figurações órficas (bibliografia em BERNARDES, 2007: nº 21 e nº 50, respetivamente). Na mesma área regional mas em outro distrito, temos o eventual caso em Rio Maior (Santarém), dada a figuração em concha que um dos pavimentos apresenta ser sugestiva, mas não conclusiva (uma vez que a concha é um símbolo decorativo em si mesmo). Na *Lusitania* temos ainda o exemplar de S. Julián de Valmuza (Salamanca), e para a *Betica* os casos de Daragoleja (Granada) – que tem a particularidade de se encontrar num compartimento retangular e não absidado, dado o limite do mosaico – e Fuente Álamo (Cordoba), para elencar apenas exemplos rurais, visto que em *domus* em âmbito urbano conhecem-se mais *stibadia*, incluindo um em *Augusta Emerita* (MÉNDEZ GRANDE, 2005).

No caso da Horta da Torre, um dos elementos inovadores reside na solução técnica para a entrada da água no interior da sala: por trás do *stibadium* o rodapé da parede absidata apresenta uma comporta que permite que, de forma controlada, a água possa fluir, criando um fino espelho de água. O objetivo seria proceder à criação de um ambiente uniforme em toda a sala, uma vez que o espaço apresenta-se de forma homogénea inteiramente revestido pelo pavimento e sem diferenças de cota que originassem um percurso pelo qual a água pudesse ser dirigida. Este facto permite que a Horta da Torre seja também considerada de momento como um *unicum*, uma vez que nos referidos casos de Faragola e El Ruedo a água provém de uma fonte na estrutura do *stbadium* e escorre para defronte dos convivas, fluindo através de percursos desenhados no pavimento – veja-se também a canalização do *stbadium* B da *villa* de Mediana (GAVRILOVIC *et al.*, 2016) – correspondendo ao protótipo do *stbadium*-fonte (MORVILLEZ, 1996: 124). Em Horta da Torre, é possível que um orifício existente na parede, onde o aparelho construtivo muda de alvenaria em pedra para *opus latericium*, correspondesse a uma bica de descarga de água – sendo assim, teremos de imaginar uma solução idêntica para o lado oposto da parede não conservada, ou seja, um fluxo de dois fios de água escorrendo de orifícios na parede, reforçando a entrada pela pequena comporta. Este efeito visual criaria um fino espelho de água ao longo da sala, revestindo uma divisão que apresenta cerca de 100m². É também por este motivo que, ao contrário de *villae* similares, no caso da Horta da Torre tenhamos um pavimento

do tipo *cocciopesto*³ a revestir toda a sala, criando uma impermeabilização que se estende à junção com as paredes, feita através de um típico ressalto em meia-cana. É ainda de sublinhar que o pavimento parece apresentar uma pintura em xadrez alternando motivos quadrangulares a azul e vermelho, embora as condições de observação não permitam leituras seguras, dada a concreção calcária resultante da água e, sobretudo, dos derrubes com pedras e argamassas originados pelo colapso do muro norte, que criaram uma película de argamassa cinzenta sobre o pavimento.

A estrutura em dupla abside (a *Torre*) que emoldura o *stibadium* coroa a terminação de uma grande sala de representação encontrada em surpreendente estado de conservação, tendo em conta o historial de destruições evocado atrás (FIG. 5). Quando se iniciou a sua escavação procedeu-se à descoberta, a cerca de 30cm de profundidade, de uma camada repleta de argamassas e fragmentos de mosaico revirados [UE 20], o que parecia confirmar os relatos de generalizadas destruições. Contudo, o prosseguir dos trabalhos permitiu perceber que estes mosaicos não se encontravam, afinal, formando o pavimento (como é habitual), mas faziam parte do programa decorativo das paredes ou da eventual semi-cúpula que coroava a abside. Esta queda a partir da colocação num plano superior explica a posição oblíqua ou invertida em que foram identificados na escavação. Embora quase inteiramente destruídos pelo colapso das paredes, nota-se ainda que os mosaicos teriam figurações de plantas aquáticas em pentafólio, reproduzidas em outro suporte decorativo: um pequeno fragmento de mármore pertencente a um friso que coroava a terminação das paredes. Este programa iconográfico é portanto perfeitamente adequado ao ambiente da sala, simulando um jogo de ilusões e de *trompe l'oeil* entre o espaço construído e a paisagem envolvente, como é habitual neste tipo de estruturas. O espaço poderia também ter funcionado enquanto ninfeu (*nymphaeum*) na medida em que se simula um ambiente de inter-relação entre o mundo aquático e o construído, convocando cenários artificiais para a criação de um espaço multissensorial.

Em toda a sala, sobre a meia cana de terminação do pavimento em *cocciopesto* e antes da união à parede, corre um rodapé de placas

³ Esta designação é adotada na linha das recomendações terminológicas contidas no já clássico estudo de GIULIANI, 1992.

de mármore, uma solução que parece ser semelhante à registada no *triclinium* da *villa* de El Salar (Granada) (HIDALGO PRIETO, 2016b: nº 40). Em Horta da Torre é de registar a sua tonalidade branco-acinzentada, de grão grosso e em “escama de peixe”. Apesar da proximidade das pedreiras de Estremoz/Vila Viçosa, o mármore empregue será proveniente de Trigaches (Beja), talvez porque a sua granulometria mais larga reaja melhor com os reflexos propiciados pelo espelho de água. Refira-se que, com o abandono do espaço, estas placas foram quase totalmente espoliadas, tendo ficando conservadas apenas nas zonas de mais difícil remoção (encaixes com a parede e meia cana). Note-se ainda que a abside onde se encontra o *stibadium* está ligeiramente sobre-elevada, com uma diferença de cota de 2cm, uma solução lógica se pensarmos na necessidade de escoamento da água, mas que acaba também por subtilmente realçar o plano onde se sentavam os convivas no *stibadium*. Esta ligeira altura é marcada e visualmente acentuada por um friso de lajes de mármore dispostas na horizontal, também unidas à meia-cana do pavimento [UE34], e que foram arrancadas por completo, ficando apenas lascas residuais na união à argamassa.

A planta da sala é profundamente original na sua conceção. Apresenta cantos contra-esquinados, abrindo exteriormente após a terminação da dupla abside, criando assim uma amplitude visual maior para a estrutura do *stibadium*. Esta solução apresenta particular significado, concedendo maior volumetria e destaque ao espaço onde se situa o *stibadium* e a abside que o envolvia, com as bicas de água na parede permitindo um cenário de grande impacto visual. O modo como este espaço é trabalhado evidencia-se ainda mais se considerarmos que existe um eixo visual que une o ponto axial do *stibadium* com o peristilo que o antecede, pelo que quem cruzasse esta porta poderia ver, do lado oposto, a estrutura construída, conforme foi mencionado. Regressando à análise dos muros em esquina, ambos apresentam silhares de granito reforçando os ângulos de 90°, onde se verifica a maior tensão de forças, pelo que apresentam uma massa construída muito impressionante. O muro norte [UE40], contudo, chegou até nós em melhor estado de conservação, fruto da menor exposição aos trabalhos agrícolas, por se encontrar mais protegido pela pendente da encosta: apresenta uma fortíssima alvenaria de argamassa de grande resistência que une os *laterae* em fiadas horizontais, que se conservam em relativo bom estado. O achado de um troço de

coluna em mármore (de Estremoz, seguramente) na sua face externa e a existência de três orifícios para encaixe na estrutura da parede faz pensar que nesta existiam arcos suportados por colunas, talvez emoldurando os vãos onde se encontravam os painéis de mosaico, ou eventualmente permitindo a abertura de planos de contemplação do exterior.

Imaginar como seria a cobertura de todo o espaço da sala é uma tarefa complexa, que levanta problemas interpretativos, arquitetónicos e de engenharia. Do ponto de vista das evidências recuperadas em escavação, apenas existe um derrube residualmente conservado [UE33], situado próximo do *stibadium*, talvez devido ao processo de reocupação, que levou a uma sistemática limpeza da sala antes da construção de um abrigo. Como se referiu no parágrafo anterior, sabemos que as paredes tinham vãos sustentados por colunas: no muro norte estão presentes três orifícios de encaixe, e um tambor de mármore fraturado foi encontrado sobre este lanço. Em processo de escavação, o derrube [UE22] permitiu documentar um alinhamento de tijolos formando um arco, que colapsou em bloco nessa área da parede (FIG. 6). Um elemento arquitetónico finamente decorado com a representação de um pentafolio de pontas lanceoladas permite pensar num friso ou cornija que rematasse a parede. Contudo, e retomando o fio de análise, supor a presença de uma abóbada de cobertura é um exercício de engenharia audaz: os cálculos feitos para a proposta de virtualização 3D implicam que a abóbada atingisse quase nove metros de altura, o que originava uma pressão considerável sobre os muros, tendo em conta o vão de quase 11 metros na sala. As paredes, com socos em *opus latericium*, estariam sujeitas a acentuada descarga de forças, que não parece adequada para um sistema construtivo que é, para todos os efeitos, frágil e sem contrafortes externos (*contra* esta ideia, tal explicaria o reforço de silhares de granito nas esquinas do plano Este). Desta forma, apesar da reconstrução 3D proposta (FIG. 7), neste momento inclinamo-nos para a possibilidade de ter existido um espaço a céu aberto, funcionando como uma *cenatio aestiva*, permitindo um superior desfrute da paisagem. As paredes teriam colunas sustentando vãos preenchidos por painéis de mosaico, ou em alternativa, estes estariam colocados entre os vãos, até ao remate proporcionado pelo friso marmóreo. Nesse caso, a sala poderia ter paredes com janelas ou vãos abertos, reforçando a contemplação da paisagem e o jogo visual de inter-relação entre a decoração interior e o cenário

natural no exterior. Na parede Este, naturalmente que a abside da área do *stibadium* seria coberta pelo lanço da parede em semi-cúpula, funcionando (e salvo as devidas proporções) como o Serapeo de Villa Adriana (Tivoli), embora (naturalmente) este se trate de um espaço aberto e não de um compartimento.

A utilização sazonal da sala é reforçada por outro indicador: a prospeção por geo-radar obtida em 2018 comprova que a sala se encontra em área periférica dentro do complexo do pátio de maiores dimensões. Esta localização descentrada dentro do edificado obriga necessariamente ao desenho de um percurso específico para o seu acesso, de todo incompatível com um salão de receção e de *convivium* de uso regular, pelo que o salão principal estará em ponto mais central. A frequência do espaço em época estival toma também em consideração dois pormenores. Em primeiro lugar, o facto natural de estarmos em região interior, onde no verão as temperaturas de 40°C são frequentes, pelo que o banquete poderia desfrutar de um elemento climatizador e sensorialmente tão agradável como o correr da água. Note-se ainda que neste tipo de ambientes, como Faragola ou, de forma mais distante, no *xystus* ovalado de Piazza Armerina (VOLPE, 2011: 520), se procuram recriar os banquetes campestres em meio à natureza, o que parece compatível com os elementos decorativos vegetalistas encontrados em Horta da Torre, uma vez que os vãos colunados permitiriam a contemplação do espaço exterior, criando um jogo de inter-relações visuais com a decoração vegetalista da sala.

Por último, é ainda de notar que o pavimento em *cocciopesto* apresenta um orifício de escoamento junto à parede sul, permitindo a saída da água proveniente de trás do *stibadium*. Do lado exterior existe um complexo sistema de condutas provenientes de vários pontos e que se juntam formando um Y, permitindo que por gravidade se aproveite a pendente da encosta, encaminhando a água para a ribeira. Ainda hoje os terrenos da *Horta* junto à linha de água têm condutas de escoamento alinhadas com as provenientes da sala de dupla abside. Note-se ainda que a fina película de água utilizada para o embelezamento da sala forçou uma outra solução arquitetónica pouco vulgar. Assim, o processo de entrada é feito por degraus descendentes: ao contrário do habitual nas salas de representação, para se entrar é necessário vencer o vão da entrada através de dois degraus descendentes, o que resulta como uma solução lógica para que a água não escoasse de forma descontrolada para a entrada.

4.2. Estruturas a sul do *stibadium*

A abertura da área de escavação para sul da sala do *stibadium* permitiu identificar um conjunto de ambientes de difícil interpretação, em função do acrescido impacto da erosão e das práticas agrícolas. O elemento mais relevante é a descoberta de um compartimento tão destruído que apenas sobreviveram os alicerces, embora estes contenham indicadores muito interessantes. Desde logo, podemos identificar a existência de um hipocausto, estando ainda conservada a boca da fornalha contendo uma mancha de cinzas [UE100] sobre tijoleiras dispostas horizontalmente [UE95]. O espaço deste pequeno compartimento (não mais de 6m²) teria paredes revestidas a estuque, residualmente conservadas no seu arranque [UE64], indicando um considerável aparato do espaço. Infelizmente, o processo destrutivo e erosivo agiu aqui de forma implacável, visto que pouco mais de 30cm de altura se conservam. Sabemos que nas salas de aparato existiam estruturas adossadas que tinham por função a propiciação de pequenos banhos ou lavagens antes e durante os banquetes, pelo que a sala do hipocausto da *villa* da Horta da Torre poderia ter uma função similar. Por exemplo, um dos casos mais emblemáticos foi identificado na *villa* de Desenzano del Garda (ROFFIA, 2001), que nos pequenos compartimentos anexos à sala de tripla abside tem um hipocausto de dimensões limitadas. Em Horta da Torre esta parece ser a interpretação mais viável, embora o grau de arrasamento da estrutura não permita uma leitura clara sobre a sua funcionalidade. Não resulta evidente, contudo, como funcionava a passagem de comunicação entre as duas salas, visto que no lanço de parede conservado não se encontra qualquer degrau ou vão de passagem entre ambas – pelo contrário, o silhar da contra-esquina da sala encaixa precisamente onde poderia estar o vão de passagem.

Anexo a esta sala encontra-se um pequeno tanque, alimentado por uma canalização em chumbo, e que na parede norte apresenta um pequeno degrau. Poderíamos supor um pequeno banho, anexo ao banho quente, mas a articulação entre ambos os espaços, separados pelo muro [UE44], não é nada clara. O espaço envolvente, ainda em curso de escavação, poderia ser uma área aberta de ar livre, talvez com um telheiro de cobertura, visto que se conservou a eventual base de um pilar [UE82], e se encontraram alguns derrubes dispersos de cerâmica de cobertura.

No alinhamento exterior da sala, na direção oeste, partem várias condutas de escoamento de água. As duas principais formam um Y, juntando a água originada pela evacuação proveniente da sala de dupla abside com uma outra que procede à condução da água do jardim no peristilo grande. A união das condutas é feita numa estrutura de argamassa atípica, designada de [UE86], unida mas descentrada do muro [UE80], e que parece constituir uma caixa de água, sendo que da sua face sul sai outra conduta, no seguimento da [UE86]. Em toda esta área existem manchas de argamassa, talvez pertencentes a pavimentos muito deteriorados.

Na *villa* da Horta da Torre foram localizados dois contextos importantes para conhecermos o quotidiano das gentes que ocuparam o sítio, ambos situados fora da sala, em área exterior. Na área sul localizou-se uma lixeira [UE50], ainda não inteiramente escavada. Uma unidade similar [UE32] foi encontrada do lado oposto, junto à terminação norte da abside exterior. Em ambos, recuperaram-se numerosos restos de fauna, em especial de conchas de moluscos – ostra (*Ostrea*), amêijoia (*Ruditapes decussates*), berbigão (*Cardiidae*) e búzio (*Mollusca gastropoda*, possivelmente *Buccinum*). A par destes elementos, outros testemunham o consumo sumptuário: um apreciável conjunto de ossos de animais de grande porte e de caça e vários fragmentos de contentores anfóricos. Se somarmos variados fragmentos de lucerna, por vezes bem conservados, percebemos como o momento do *symposium* se prolongava pela noite.

4.3. O acesso à sala de dupla abside: o peristilo grande

A sala do *stibadium* é antecedida por um peristilo de grandes dimensões, que demonstra bem o modo como o itinerário para os espaços de receção e convívio era cuidadosamente planeado na conceção e articulação das *villae* (ZARMAKOUPI, 2011). Além das dimensões consideráveis no plano horizontal, a perceção do espaço seria reforçada pela volumetria concedida pela verticalidade das robustas colunas. Conservam-se três bases de granito *in situ*, nos cantos este, norte e oeste do peristilo, o que nos permite aceder aos módulos de reconstituição do ambiente. Desta forma, o peristilo segue as normas vitruvianas, que recomendam um terço mais longo do que a amplitude (VI, 3, 7).

São ainda evidentes os intercolúnios, que se encontram inseridos no murete que corre em todo o perímetro interno do espaço. Estes intercolúnios foram construídos em tijolos de quadrante, inseridos no pavimento (embora totalmente ausentes por ações pós-deposicionais), e unidos por um rebordo interior a um murete que delimita todo o perímetro. Desta forma, a Horta da Torre não tem um canal perimetral, como em outras *villae* da *Lusitania* (Monte da Chaminé em Ferreira do Alentejo, ou Frielas em Loures como exemplos provinciais). Esta estrutura tem a novidade de ter exedras, das quais se conserva uma *in situ* mesmo diante da entrada da grande sala de dupla abside, tendo sugestivos paralelos com a *villa* de Frielas (Loures) (SILVA, 2012). Do lado oposto, foi identificada uma outra exedra que faz o efeito simétrico, mas infelizmente muito destruída e apenas visível no seu negativo em concha. Do lado sul, a diferença de cota provocou o total arrasamento da exedra, e o lado norte ainda se encontra por escavar, mas a expectativa legítima o total de quatro exedras em alinhamento simétrico, conforme os princípios clássicos.

Entre o espaço interno de jardim e o murete que delimita o peristilo encontra-se a estrutura revestida a argamassa hidráulica de uma conduta de água, pouco baixa e plana [UE96]. Pela ação dos agentes agrícolas, em toda a ala sul esta pequena barreira decorativa, que suporta o intercolúnio, desapareceu, dando lugar ao seu negativo, ou seja, uma vala [UE98]. A conduta de água é muito rasa, com a função de permitir que uma fina película de água deslize de forma gravítica ao longo do canal e pela exedra até ao seu ponto de descarga, desaguando numa conduta sob o pavimento de *cocciopesto* que se dirige depois para a canalização em Y mencionada anteriormente.

Esta planificação dos elementos decorativos permite soluções de grande impacto. É fácil imaginar que as condutas planas revestidas a argamassa possibilitavam a formação de um espelho de água, refletindo o jogo rítmico de colunas e colonelos e criando um efeito visual multiplicador de grande aparato cenográfico. Em simultâneo, estes planos possibilitavam um ritmo visual que acompanhava o deambular dos passeantes pelo peristilo. Da mesma forma, o posicionamento das exedras nos planos de entrada do ambiente concedia um efeito impactante, ampliando o eixo visual do *stibadium* e da sala de dupla abside. É certo que a axialidade do plano construtivo é uma solução canónica na arquitetura destes ambientes, mas em Horta da Torre encontra-se potenciada pelos ângulos diretos de perspetiva e pelas possibilidades

que a água apresenta enquanto espelho de cenários. Como facilmente se percebe, estes desenhos de soluções visuais são cuidadosamente planeados por quem concebeu estes espaços, o que demonstra uma elevada erudição e conhecimento de protótipos exógenos.

Neste sítio o desenho dos planos é tão cuidadoso que não existem paralelos diretos nas *villae* da região e, no seu conjunto, este pátio apresenta um desenho perimetral e um efeito decorativo relativamente raro à escala da *Lusitania*. Como referido, apenas na *villa* de Frielas (Loures) se encontra uma planificação similar (SILVA, 2012). A conceção do espaço apresenta mais paralelos em sítios da *Betica*, como o caso de El Santiscal (Cadiz) (MORA FIGUEROA, 1977: fig. 2) e também de Mondragones (Granada) (RODRÍGUEZ AGUILERA *et al.*, 2013-2014: 490-491, fig. 10) em termos de conceção geral, visto que este último apresenta exedras delimitadas por tijoleiras, enquanto a Horta da Torre apresenta *cocciopesto*.

Outros pormenores arquitetónicos são dignos de nota.

A monumentalidade do espaço construído contrasta com a humildade do pavimento que reveste todo o circuito do peristilo. Trata-se de um piso em *cocciopesto* [UE99], semelhante mas menos compacto do que o da sala do *stibadium* mas idêntico ao que havia sido encontrado nas escavações do sítio romano de São Pedro no concelho de Fronteira (CARNEIRO, 2011). É constituído por cerâmica grosseiramente triturada e depositada em camadas cada vez mais finas e ligadas por uma argamassa muito consistente. Esta solução apresenta a notória vantagem de ser um piso funcional e de fácil manutenção, além de impermeável – se considerada a proximidade da lâmina de água e do circuito de água da exedra –, pelo que é muito útil para o uso quotidiano. É frequente que o espaço de *ambulacrum* tivesse pavimentos monótonos, de modo a, por um lado, facilitar a concentração em momentos de diálogo entre o *dominus* e o(s) seu(s) visitante(s), mas por outro lado também para direcionar o olhar para o espaço interior (neste caso do jardim) ou mesmo da sala de dupla abside, que seria avistada logo na entrada para o peristilo. A escolha dos pavimentos é, portanto, pensada de modo a criar efeitos de expectativa, direcionando a atenção dos *amici* do *dominus* para os ambientes e áreas causadoras de maior impacto.

Do ponto de vista arqueológico, a escavação deste espaço trouxe indicadores relevantes. Destaca-se a recolha, diretamente sobre o piso do corredor do lanço Este, de três moedas, ainda não passíveis de leitura conclusiva, mas na qual uma delas é claramente constantiniana, forne-

cendo um *terminus post quem* de meados do século IV. Outro indicador reside no fragmento de bordo de terra sigillata clara D Hayes 67 encontrado no interface, que concede uma datação de 360/480, ou de inícios/meados do s. V, para a deposição do derrube de telhado [UE104] sobre a camada de abandono do pavimento [UE113]. Note-se que pelos fatores já mencionados, o arrasto dos trabalhos agrícolas provocou uma forte destruição do pavimento da ala sul, mas na escavação do corredor este fomos encontrando um derrube de telhado progressivamente mais consolidado na progressão para norte, esperando-se que a futura escavação da ala norte possa trazer indicadores ainda mais sólidos. De todas as formas, e como expectável, todo o peristilo estava inteiramente protegido por um telhado de cobertura que, em contrapartida, estava ausente no espaço aberto do jardim, dentro do qual praticamente não se encontraram telhas de cobertura.

Como foi referido, a transposição para o interior da sala do *stibadium* recorria a dois degraus. Ao contrário de outras *villae*, como Noheda (Cuenca) (entre outros estudos, VALERO TEVAR, 2013), não existia um nartex ou um *vestibulum* que servissem como câmara de receção dos convidados. Dois silhares de granito reforçam a descarga de forças da área lateral da porta, mas é complexo avaliar como seriam os muros, visto que se encontram muito destruídos. Todavia, o seu enchimento com pedras de pequeno calibre faz pensar que a parede seria pouco elevada, reforçando a ideia de a sala do *stibadium* não apresentar cobertura.

O peristilo envolve um espaço aberto que, conforme foi referido, corresponde ao ambiente de um jardim. O facto de não existir qualquer estrutura no seu interior, apenas preenchido por um sedimento universal [UE108] indica-nos um espaço de embelezamento funcionando como pequeno *viridarium*. Este tipo de ambientes naturais é habitual no interior das *villae*, funcionando como áreas interiores de contemplação (MORVILLEZ, 2014). Podemos assim ver dois tipos de fruição do espaço interior em zonas contíguas: o peristilo pequeno apresenta uma modelação do ambiente em torno à água (bica e *impluvium*) enquanto o interior do peristilo grande, apresentando também as condutas de água, tem no jardim a peça central na criação cenográfica da atmosfera interior.

De relembrar ainda que o peristilo grande se encontra a uma cota que prolonga a da sala do *stibadium* mas que é superior à do peristilo pequeno. Tal significa, conforme mencionado no ponto inicial deste texto, que o plano de conceção da *villa* apresenta uma organização em

patamares ou terraços. Estando a estrutura do peristilo superior separada por um muro divisório [UE12] é de crer que este funcionaria como uma barreira visual, impedindo que o visitante observasse a área de descanso em torno do *impluvium* do peristilo pequeno. Em contrapartida, a implantação em patamares permite distintos planos de contemplação para o exterior, conforme foi anteriormente discutido.

4.4. O pequeno peristilo

A sondagem inicialmente aberta em 2004 estava implantada no que se revelou, em 2018, ser a zona terminal do corredor da ala sul do peristilo grande. As evidências então identificadas foram mínimas: apenas uma conduta em tijoleira, inserida no afloramento. O curso da conduta terminava no que parecia ser um muro totalmente arrasado. Quando se retomaram os trabalhos em 2012, foi feita uma ampliação para sul da área original de escavação. Uma vez que a *villa* obedece a um plano de patamares que definem áreas funcionais, houve a felicidade de comprovar que a face sul do muro estava voltada para um espaço com uma profundidade conservada de cerca de 50cms. Portanto, o decorrer da escavação e de sucessivas ampliações de área permitiu uma apreciável leitura funcional dos espaços, zonas de circulação e lógicas de habitação, visto que o desnível topográfico salvaguardou o estado de preservação de toda a área construída, que assim resistiu ao decorrer dos trabalhos agrícolas (apenas o extremo sul apresenta rasgões no pavimento pela ação do arado).

Note-se ainda que este muro [UE12], embora de pouca espessura, deveria funcionar como uma barreira apreciável entre o espaço do peristilo grande, de receção de visitantes, e o do peristilo pequeno, exclusivamente privado. A comunicação entre os espaços (sendo que o grande se encontra em plano superior) é feita por um lanço de degraus no canto nordeste do pequeno peristilo, mas não é visível o circuito de passagem, uma vez que os trabalhos agrícolas destruíram o espaço intermédio.

A leitura funcional do ambiente é clara, uma vez que a diferença de cota permitiu uma quase integral preservação do contexto estrutural: estamos no interior de um peristilo de circulação que se articula em torno de um tanque central (*impluvium*). Tal como no peristilo grande, nesta zona temos também um pavimento de cariz funcional e prático,

neste caso em *cocciopesto* de calibre mais grosso. Encontra-se delimitado em todo o perímetro da área por um murete baixo, que em cada um dos quatro cantos apresenta negativos de encaixe para colunas, sendo que nenhuma foi recuperada nem é possível saber a sua matéria-prima. Este espaço privado e aprazível é alimentado pela água que escorreria a partir de uma pequena fonte, adossada à face sul do referido muro [UE12]. Esta bica é alimentada pela conduta de tijoleira identificada na sondagem inicial, proveniente da conduta e exedra situada na ala oeste do peristilo grande. Esta bica permitia que a água escorresse até ao *impluvium*, através de uma conduta muito fina inserida no pavimento. Este não apresenta mais de 30cm de profundidade, pelo que à sua função utilitária de recetáculo de água da fonte e pluvial acresce o seu papel como espelho de água, excluindo a sua função para outro tipo de uso, até pela ausência de degraus de acesso (DESSALES, 2011: fig. 7). O ambiente privado e de descanso desta área é potenciado pelo papel da água, elemento modelador e tranquilizador do ambiente envolvente. Tendo em conta a propiciação desta atmosfera, o *impluvium* da Horta da Torre tem uma planta simples e habitual neste tipo de estruturas, com formato retangular (DESSALES, 2011: 243), apresentando uma larga boca de descarga de águas no alçado sul.

No processo de escavação verificou-se que o interior deste *impluvium* estava completamente preenchido pelo derrube dos telhados de cobertura [UE72], mas também revelou um pilar com decorações parietais, ainda se conservando estuques azuis e vermelhos. Da mesma forma, o canto nordeste do pequeno peristilo também conserva pinturas em estuque, conseguindo assim perceber-se como este ambiente era decorado de cores vivas. Aproximando alguns dos fragmentos que tombaram no colapso dos muros, ainda se consegue reconhecer a figuração de uma pomba (FIG. 8). Note-se que mesmo sobre o pavimento do interior do *impluvium* foram recolhidas duas moedas que apontam para datações posteriores a finais do século III ou inícios do IV. No nível topográfico mais acima, junto ao rebordo oeste, foi recolhida outra moeda, que poderá datar o momento de abandono a partir de meados do século IV.

A privacidade deste ambiente, fora do circuito de acesso à sala de dupla abside, é marcada também pela existência de um *cubiculum*. O compartimento ainda não foi totalmente escavado, mas encontra-se a este do pequeno peristilo, com acesso através de um vão, apresentando um pavimento em *cocciopesto* idêntico ao do pequeno peris-

tilo. As pequenas dimensões até agora visíveis (não mais de 8m²) e a ausência de elementos estruturais ou artefactuais no seu interior levam a crer que se trata de um espaço reservado ao descanso da família. Certamente haverá outro no lado oposto do peristilo pequeno, visto que o muro de fecho oeste encontra-se interrompido, indicando um vão de porta, mas este perfil constitui o limite oeste da área escavada até ao momento.

5. Após o abandono: presença(s) e “ruralização”

O foco do presente estudo centra-se na análise da planimetria construtiva que corresponde ao pleno funcionamento, em momento imperial, do conjunto estrutural identificado. Contudo, pela sua relevância, é impossível não fazer menção a outras fases documentadas pelo processo de escavação, e que na Horta da Torre se identificaram de modo raras vezes conseguido para outras *villae* da *Lusitania*. Desta forma, é feito um pequeno sumário dos fenómenos identificados, remetendo o leitor interessado para outros textos (CARNEIRO, 2020, entre vários textos no prelo).

Os processos de escavação não permitiram determinar o momento de abandono da *villa*, mas de momento podemos apontar os meados do século V para um movimento planeado. O processo de escavação permitiu documentar que o processo foi realizado de forma ordeira, pois em nenhum caso se identificam manchas de incêndio, ruturas, destruições ou ocultamentos de materiais. Em suporte desta leitura, sublinhe-se que em toda a fase de escavação se encontram escassos materiais de época imperial, ocorrendo, por exemplo, poucas moedas e sempre em situações que demonstram uma perda fortuita. Da mesma forma, esta limpeza impediu que se preservassem elementos de mobiliário ou uso corrente que seriam relevantes para a compreensão do ambiente da sala, à semelhança de contextos recuperados em outros locais (VROOM, 2007; HUDSON, 2010; MOLS, 2007-2008, como casos emblemáticos). Aparte algumas moedas que ficaram esquecidas junto a muretes ou no fundo do *impluvium* do peristilo pequeno, o conjunto de materiais recolhidos é mínimo, contrastando com as duas lixeiras situadas de cada lado junto à parede exterior da abside da sala que apresentam um apreciável conjunto de indicadores (embora monocórdicos, em função do padrão de uso da sala).

A área escavada conserva testemunhos de presenças humanas posteriores, ocorridas quando algumas estruturas já haviam iniciado o processo de ruína. De forma resumida, podemos registar as seguintes evidências:

- a) **na sala do *stibadium*** ocorre a perfuração dos pavimentos em *cocciopesto* para a construção de um abrigo em materiais perecíveis semelhante a outros conhecidos na *Hispania* (TEJERIZO GARCIA, 2015: 259) e com paralelos nos arquétipos identificados para sítios itálicos (FRONZA, 2011: 121-128). Com elevada probabilidade, os ocupantes deste abrigo não viram os rodapés de mármore da sala, que haviam sido arrancados em algum momento anterior, de acordo com situações conhecidas para *villae* em outras áreas regionais (MUNRO, 2012: 365). Os cerca de 100m² da sala do *stibadium* são ocupados por uma espessa camada de derrube [UE22] que sela uma camada residual na qual escassos materiais foram recolhidos, embora com alguns elementos osteológicos relevantes [UE33]. Na sala foram recolhidos ossos de cavalo, indicando que pessoas e animais partilhavam a ocupação deste espaço.
- b) no **peristilo grande**, podemos registar que a área escavada é ainda inferior a 50% do total. No entanto, é evidente que o pavimento de *cocciopesto* regista perfurações semelhantes às da sala, embora de funcionalidade indeterminada. Quanto ao espaço interior interpretado como jardim, nota-se que foi utilizado como área de despejos e entulhos criando uma camada uniforme [UE108], nos quais se recolheram ossos com marcas de corte, bem como cerâmicas de cozinha semelhantes às do peristilo pequeno.
- c) no **pequeno peristilo** as evidências são numerosas. Em primeiro lugar, é perceptível que aquando da reocupação já tinha ocorrido o processo de colapso das coberturas, pois a cerâmica de construção é atirada para dentro do *impluvium*, cobrindo-o quase por completo [UE72] e formando uma área de circulação a cota homogénea. Na ala norte, em especial no canto noroeste, uma espessa camada [UE68] composta por um sedimento escuro repleto de cerâmicas grosseiras para uso culinário, restos de *dolium* para armazenar alimentos e vários restos ósseos, incluindo mandíbulas, demonstra a utilização do espaço como lixeira. Algumas perfurações nos pavimentos e

no próprio derrube [UE72] mostram que o espaço foi utilizado, possivelmente com vedações para guarda de gado. Fragmentos de movente em granito foram utilizados para atividades de farinação, documentando pela primeira vez este tipo de práticas no quadro de materiais recuperados em toda a *villa*. Um elemento muito relevante foi recuperado no *cubiculum* anexo: um poste é colocado para travar o processo de ruína do telhado, deixando um negativo no pavimento de *cocciopesto*. Se considerarmos que, nesse mesmo compartimento, uma base de coluna em mármore foi colocada junto à parede em posição invertida, funcionando como assento, percebemos que o espaço foi reocupado como local de abrigo, descanso e vigilância do gado na área do peristilo pequeno.

Desta forma, na área até ao momento intervencionada – que, lembre-se, é uma pequena fração da extensão total da *villa* – existem as seguintes situações:

- construção de novas estruturas *no interior* de espaços previamente habitados;
- remoção e deslocação de elementos construtivos;
- deposição de sedimentos, correspondendo a entulhos e despejos, uma situação recenseada na área escavada sobre pavimentos no pequeno peristilo e no interior do jardim, mas não no interior de espaços habitados.

A partir dos dados recuperados, podemos ver como ocorrem duas situações de completa alteração em relação ao uso prévio:

- a) uma mudança de carácter tecnológico do registo material, com a passagem da *economia-mundo* da fase imperial (materiais de regiões alóctones que chegam ao local através dos circuitos provinciais – moluscos, por exemplo – e mediterrânicos) para um quadro de materiais escassos e de fabricos rudimentares, predominando cerâmicas de armazenamento e de confeção de alimentos com evidentes marcas de uso sistemático e prolongado.
- b) o registo arqueozoológico (CARNEIRO, 2020) demonstra também uma profunda mudança, com a transferência de um quadro de consumo sumptuário (caça grossa documentando a prática de *venatio*, gado de grande porte e consumo de moluscos, vinho

e azeite de importação, estando estes comprovados no registo anfórico) para uma dimensão localista: no registo faunístico predomina o gado ovicaprino pastoril, sendo a dieta reforçada com práticas de farinação, possivelmente armazenada nos contentores de média dimensão encontrados no pequeno peristilo. Podemos assim perceber a existência de uma atividade agropastoril pouco sofisticada e procurando animais de elevada resistência, que em simultâneo permitem extrair produtos secundários e derivados, em quadro de economia autárquica.

Leitura geral

Embora no imaginário geral se tenha cristalizado a noção de que conhecemos muitas *villae* no sudoeste peninsular, e que as conhecemos muito bem, uma análise atenta verifica rapidamente o contrário. Muitos projetos foram interrompidos pelo crónico sub-financiamento da Arqueologia em Portugal, ou por ocorrências variadas que levaram ao cancelamento de projetos promissores. A Arqueologia de contrato tem levado à promoção de intervenções cingidas à área disponível unicamente no plano de minimização, e por isso cada vez mais sabemos que ao longo de uma vala de 10x1m se encontrou um pavimento de mosaico – mas não sabemos mais do que isso. Em ambos os casos, os resultados são pouco ou nada divulgados, pelo que temos um apreciável conjunto de sítios vogando no limbo existencial. Em contrapartida, as *villae* escavadas há mais tempo são, na realidade incomparáveis entre si: o que de comum tem S. Cucufate com Pisões ou Torre de Palma, por exemplo? Cada uma acaba por constituir um *unicum* que nos concede a ideia da multiplicidade de soluções que em época romana se aplicavam no *desenho* das estruturas privadas em meio rural. Por estes motivos, definir padrões é complexo, embora, em *malha larga*, alguns existam e possam ser discutidos.

Olhando de forma mais geral e superficial, a *villa* da Horta da Torre cumpre alguns desses padrões. A prospeção por geo-radar permitiu identificar uma conceção do edificado em dois pátios, semelhante à da vizinha *villa* de Torre de Palma. Da mesma forma, a utilização de (ao menos) um peristilo como eixo central na planimetria e conceção perceptiva do espaço também se encontra bem marcada, à semelhança do referido sítio de Monforte ou de Quinta das Longas. Como neste último sítio, existe um eixo axial que organiza o plano construído, marcando

a leitura visual do visitante, na medida em que a sala principal está no extremo oposto do ponto de entrada, levando o visitante a percorrer um itinerário bem delineado. Esta estratégia permite diferenciar os distintos pontos de acesso aos visitantes, consoante o seu estatuto e intimidade com o *dominus*, conforme foi estudado, entre outros autores, por Simon Ellis (1991). Para o desenho destes espaços assume especial importância a composição das absides, que permitem engenhosas soluções com inúmeras vantagens: na modulação arquitetónica, permitindo desdobramentos como as salas de tripla abside, de absides contrapostas ou mesmo polilobuladas, mas também pelos elaborados revestimentos decorativos. Também neste aspeto a sala de dupla abside da Horta da Torre, emoldurando a estrutura do *stibadium* e permitindo a engenhosa solução dos jogos de água, constitui um exemplo a acrescentar aos já conhecidos. E claro, no interior da sala, a área liberta defronte do *stibadium* permitiria soluções várias, quer para representações que amenizassem as refeições, quer para o normal funcionamento da assistência ao banquete, quer ainda para o desenrolar de entretenimentos e momentos musicais (como o exemplo da pintura na *villa* de Serenos evidencia: SCHULTZ, 2015: 25).

Em leitura geral, podemos considerar que, nos conceitos prototípicos de planificação, a Horta da Torre tem aproximações aos modelos mais habituais da arquitetura de representação nas paisagens rurais da *Lusitania*. Mesmo que a área escavada seja ainda diminuta em relação ao total do sítio, os dados obtidos pela prospeção não intrusiva de 2018 permitem perceber que os cânones são os tradicionais. Todavia, o que torna a Horta da Torre um protótipo sem paralelos próximos é a profunda criatividade e originalidade na aplicação das soluções, demonstrando um extenso conhecimento dos protótipos extra-provinciais. Este facto é relevante, pois em alguns casos conseguimos definir a *emulatio* de sítios vizinhos, permitindo identificar “modas” ou padrões de concentração regional – os casos dos sítios da zona de Leiria com soluções iconográficas e modelação arquitetónica aproximada, ou o exemplo dos tanques biabsidados de *villae* vizinhas em Cordoba que Rafael Hidalgo Prieto (2016a: 202-203) aponta.

A Horta da Torre apresenta um cariz diferente: sob a adequação dos planos às normas gerais, concretizam-se soluções extremamente imaginativas e elaboradas que apenas encontram paralelo em sítios bem distantes. Por exemplo, a peça-chave na conceção dos ambientes da área até ao momento intervencionada: o *stibadium*.

Pelos elementos recuperados, torna-se claro que a sala do *stibadium* da Horta da Torre assume elementos de profunda originalidade. É certo que cada vez mais se identificam, em todo o Império, este tipo de dispositivos, a tal ponto que hoje estamos perante uma “explosione di *stibadia*” (VOLPE, 2019: 215). Desse ponto de vista, o paradigma conceptual é comum aos casos registados. O exemplo de Horta da Torre insere-se na planificação de todo um cenário construído em torno ao móvel principal, que deixa de ser um mero elemento utilitário para se tornar como um miradouro sobre uma paisagem artificial. Assim se mescla o fundo natural com as figurações de um programa decorativo coerente e homogêneo, sejam quais forem os suportes que o concretiza (mosaicos, estuques, mármore...) e apelando aos mecanismos sensoriais (o som da água, a visão, a sensação de frescura). Esta conceção implicou um conjunto de dispositivos que possibilitam uma cenografia de ambientes e atmosferas, situação que tem paralelo direto nos casos citados de El Ruedo e Faragola. Em resumo: a sala de dupla abside da Horta da Torre tem uma entrada de água que permite a criação de cenários ilusórios, nos quais a paisagem exterior é transportada para o interior do espaço construído. A sofisticação do programa decorativo é evidente pelo arrojo técnico, enquanto a coerência do discurso iconográfico mostra-se na repetição em diversos suportes da temática das plantas aquáticas e na *imitatio* com a paisagem envolvente. Sendo complexo definir qual o sistema de fecho da cobertura (ou se a houve), podemos propor a existência de uma *cenatio aestiva* que emula protótipos reconhecidos em outras províncias.

A concretização do protótipo é feita em sala periférica e secundária, ao contrário do que se passa com o *stibadium* de El Ruedo, colocado em posição central do edificado (VAQUERIZO GIL e NOGUERA CELDRÁN, 1997). No caso da Horta da Torre, certamente existem outros espaços de receção e realização de banquetes ainda não identificados. Supondo essa condição, não temos muitos sítios na *Lusitania* com duas salas distintas: apesar da diversidade e arrojo construtivo de cada uma, as salas em Rabaçal não apresentam essas condições, visto que nem a sala poligonal a sul nem a tetralobulada a norte parecem ser salas de banquete – com a ressalva de que a *villa* de Constantino em Mediana tem um *stibadium* neste tipo de ambiente (POPOVIC, 2016: 10 e nº 6a). Da mesma forma, nem Torre de Palma ou Quinta das Longas apresentam este tipo de soluções, também ausentes em sítios algarvios, por exemplo. Apenas na *villa* de Pisões (Beja) parece existir um espaço

semelhante, embora de dimensão restrita (nº 30 no plano de Ribeiro, 1972), situado em torno de um *lacus* de muito pequenas dimensões (L2 no referido plano) e em espaço a céu aberto, conforme os modelos pompeianos. Ressalve-se que é complexo interpretar a funcionalidade do espaço de Pisões, visto que não existe área delimitada a oeste, pelo que idealmente poderia ser um protótipo semelhante ao de Cañada Honda em Itálica (embora com muitas diferenças de pormenor: HIDALGO PRIETO *et al.*, 2018: fig. 5). No entanto, note-se que no caso de Pisões o espaço encontra-se em centralidade, junto ao acesso principal à casa, enquanto em Horta da Torre a sala do *stibadium* possui destaque próprio, longe da zona de aparato principal. Na *villa* fronteirense, o investimento feito no aparato da sala, e também no grande peristilo de acesso, mostra o elevado grau de capacidade económica e refinado planeamento do *dominus*.

Neste sentido, a identificação do *stibadium* na sala de dupla abside é um elemento-chave para se entender a orgânica de funcionamento do espaço. Como foi afirmado, a existência de *stibadia* em sítios lusitanos está pouco comprovada, e – mesmo a um plano mais amplo –, não são frequentes na *Hispania*. Ocorrem sim no oriente do Império, uma vez que as práticas de relações e hierarquização social são mais marcadas, desenvolvendo-se ao longo do século III e IV, mas com longa duração no tempo, de acordo com os códigos do cerimonial bizantino (DUNBABIN, 2003: 191-195). Nesse sentido, a presença na Horta da Torre em contextos que podemos situar em torno a meados/finais do século III é relevante. Note-se também que os espaços de *stibadia* estão associados a uma prática de comensalidade e a reportórios de formas cerâmicas, por enquanto, quase completamente ausentes em Horta da Torre (VROOM, 2007; DUNBABIN, 2003, com abundante aparato iconográfico; ver fig. 9.3. com exemplos de tipologias), visto que os tipos mais tardios registados no sentido fronteirense não se prolongam para lá do século V, que são precisamente os que mais surgem nos contextos orientais. Nessa linha de análise, é também interessante notar que os fragmentos cerâmicos encontrados consistem sobretudo em lucernas recolhidas nas duas lixeiras de cada lado da sala, o que configura a prática de banquetes que se prolongavam pelo final de tarde e noite. Esta frequência notívaga é relevante para a criação de cenários, pois sabemos que a luz irregular concede uma ilusão de movimento, essencial para que o programa decorativo tivesse um impacto acrescido (WEITZMANN, 1979: nº 556). A potenciação dos efeitos visuais seria

evidente, tirando partido da lâmina de água na sala, das decorações multicolores de mosaico e da escolha específica do mármore que decorava os rodapés da sala, pelo que se combinam efeitos multiplicadores da sensorialidade. Note-se que a escolha dos suportes de iluminação era determinante, como se torna evidente nas lâmpadas de vidro incisadas na *cenatio* com *stibadium* em Faragola (TURCHIANO e GIANNETTI, 2016), ausentes do registo no sítio fronteirense (para uma idealização do ambiente, ver FIG. 7).

A Horta da Torre representa de forma clara a materialização de um ambiente desenhado com o maior detalhe. O todo é coerente, desde o circuito de entrada até à concordância dos pormenores arquitetónicos, iconográficos e funcionais. Todos os ambientes da *cenatio* foram pensados para criar um efeito multissensorial potenciador para os convivas, beneficiando do jogo de inter-relações visuais entre o espaço construído, os ambientes artificiais criados (a água, a luz, a cor, o movimento e os sons) e o espaço exterior. Esta arquitetura erudita procura, modula e adapta os paralelos extra-provinciais que ao longo de toda a *ouikoméné* mediterrânica prolongam paradigmas, expressões culturais e formas de vivência cosmopolita. Nesse sentido, a Horta da Torre representa um exemplo paradigmático da elevada inventividade e elaborada criação que as *villae* da *Lusitania* afirmam – cada uma ao seu modo, porque nelas se procuraram as soluções que individualizavam os gostos e cosmovisões de cada *dominus*.

BIBLIOGRAFIA

- ALFARANO, S. (2018) – Architettura dei riti conviviali nell’Egitto tardoantico, in LIVADIOTTI, M. et alii (ed.) – *Theatroideis. L’immagine della città, la città delle immagini Atti del Convegno Internazionale* (Thiasos Monografie 11) vol. II, *L’immagine della città romana e medievale*, Roma, pp. 469-487.
- BERNARDES, J. P. (2007) – A ocupação romana na região de Leiria, Faro, *Promontoria Monográfica* 6.
- CARNEIRO, A. (2005) – *Carta Arqueológica do concelho de Fronteira*, Lisboa.
- CARNEIRO, A. (2008) – *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de «As grandes vias da Lusitânia – o Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*, Lisboa.
- CARNEIRO, A. (2011) – Espaços e tempos no sítio arqueológico de São Pedro (Cabeço de Vide, Fronteira): um balanço dos trabalhos de escavação realizados entre 2000 e 2004 (e uma perspetivação do que se poderá seguir), *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.as Jornadas*, Lisboa, pp. 147-162.

- CARNEIRO, A. (2014) – Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo, *Humanitas Supplementum* nº 30, Coimbra.
- CARNEIRO A. (2020) – Adapting to change in rural Lusitania: zooarchaeological records in the Horta da Torre Roman villa (Portugal), *Post-Classical Archaeologies* 10, pp. 247-278.
- CARNEIRO, A.; GARCIA SÁNCHEZ, J.; STEK; T. D.; KALKIERS R. (2019) – Primeiros resultados do *Fronteira Landscape Project*: a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo, *Al-Madan online* IIª Série 22 (tomo 3), pp. 46-54.
- CARVALHO, P. C. (2007) – *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território em época romana*, Fundação/Coimbra, Conímbriga, Anexos 4.
- DESSALES, H. (2011) – Decore et fontaines domestiques dans les Gaulês: une adaptation des modèles italiques?, in BALMELLE, C.; ERISTOV, H.; MONIER, F. (ed.) – *Décor et architecture en Gaule entre l'Antiquité et le haut Moyen Âge*, Bordeaux, pp. 241-255.
- DUNBABIN, K. M. (2003) – *The Roman Banquet. Images of conviviality*, Cambridge.
- ELLIS, S. (1991) – Power, Architecture and Decor: How the Late Roman Aristocrat Appeared to his guests, in GAZDA, E.K. (ed.) – *Roman Art in the Private Sphere. New perspectives on the Architecture and Decor of the Domus, Villa and Insula*, Ann Arbor, pp. 117-137.
- FRONZA, V. (2011) – Edilizia in materiali deperibili nell'alto medioevo italiano: metodologie e caso di studio per un'agenda della ricerca, *Post-Classical Archaeologies* 1, pp. 95-138.
- GAVRILOVIC, N.; MILOSEVIC-JEVITIC, G.; CRNOGLAVAC, V. (2016) – Stibadium B of villa with peristyle at Mediana, *Starinar*, pp. 81-102.
- GIULIANI, C. F. (1992) – Opus signinum e cocciopesto, *Segni*, pp. 89-94.
- HIDALGO PRIETO, R. (2016a) – Arquitectura residencial y representativa, in HIDALGO PRIETO, R., coord. – *Las villas romanas de la Bética*, 2 vols, Sevilla: Univ. Sevilla, pp. 175-247.
- HIDALGO PRIETO, R. (coord.) (2016b) – *Las villas romanas de la Bética*. 2 vol, Sevilla: Univ. Sevilla.
- HIDALGO PRIETO, R., CARRASCO GÓMEZ, I, HERMANN, F., TEICHNER, F. (2018) – El proyecto de investigación arqueológica en la Cañada Honda de Itálica. Planteamientos, objetivos y primeros resultados, *Antiquitas* 30, pp. 45-61.
- HUDSON, N. F. (2010) – Changing places: the archaeology of the Roman *Convivium*, *American Journal of Archaeology* 114, pp. 663-695.
- LANCHA J., ANDRÉ P. (2000) – *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. II – Conventus Pacensis. 1 – A villa de Torre de Palma*, Lisboa, 2 volumes.
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia*, Coimbra Conímbriga Anexos 3.
- MÉNDEZ GRANDE, G. (2005) – Nuevos datos para el conocimiento arqueológico de la zona extramuros de la ciudad, *Merida excavaciones arqueológicas* 8, pp. 67-87.
- MORA FIGUEROA, L. (1977) – La villa romana de El Santiscal (Cadiz). *Habis* 8, pp. 345-358.

- MOLS, S. (2007-2008) – Ancient Roman household furniture and its use: from Herculaneum to the Rhine, *Anales de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Murcia* 23-24, pp. 145-160.
- MORVILLEZ, E. (1996) – Sur les installations de lits de repas en sigma dans l'architecture du Haut et du Bas- Empire, *Pallas* 44, pp. 119-138.
- MORVILLEZ, E. (2014) – Les transformations du jardin de tradition romaine dans l'Antiquité tardive, in VAN OSSEL, P.; GUIMIER-SORBETS, A.-M. (ed.) – *Archéologie des jardins. Analyse des espaces et méthodes d'approche*, Montaignac, pp. 161-176.
- MORVILLEZ, E. (2019) – À propôs du fonctionnement des installations de banquetes en sigma. Nouvelles observations, entre Orient et Occident, *Antiquité Tardive* 27, pp. 193-291.
- MUNRO, B. (2012) – Recycling, demand for materials, and landownership at villas in Italy and western provinces in late antiquity, *Journal of Roman Archaeology* 25, pp. 351-370.
- PESSOA, M. (2008) – Um *stibadium* com mosaico na villa romana do Rabaçal, *Revista de Historia da Arte* 6, pp. 139-161.
- POPOVIC, S. (2016) – *Constantine's villa at Mediana*, Nis.
- RIBEIRO, F. N. (1972) – *A villa romana de Pisões (Beja)*, Beja.
- RODRÍGUEZ AGUILERA, Á.; GARCIA-CONSUEGRA FLORES, J.M.; RODRÍGUEZ AGUILERA, J.; PÉREZ TOVAR, M. J. (2013-2014) – La villa romana de los Mondragones (Granada). Un nuevo yacimiento arqueológico en el entorno de Iliberris, *Romvla* 12-13, pp. 475-501.
- ROFFIA, E. (2001) – Nuove indagini nelle ville romane del lago di Garda, in VERZAR-BASS, M. (ed.) – *Abitare in Cisalpina. L'edilizia privata nelle città e nel territorio in età romana*, (Antichità altoadriatiche XLIX), Trieste, pp. 447-478.
- SCHULTZ, D. (2015) – Colours in the oasis: the villa of Serenos, *Egyptian Archaeology* 46, pp. 23-26.
- SERRAS, A. (1997) – *Cabeço de Vide – Vila*, 2ª ed. Cabeço de Vide.
- SILVA, A. R. (2012) – A villa romana de Frielas. *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga*, Cira-Arqueologia 1, pp. 88-102.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2015) – *Arqueologia del campesinado medieval en la cuenca del Duero (ss V-VIII D.C.)*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidad del País Vasco [policopiado].
- TURCHIANO M.; GIANNETTI F. (2016) – Le lampade vitree incise di Faragola. Commitenza, produzione, circolazione e funzione, in BUORA, M.; MAGNANI, S. (eds.) – *Le iscrizioni con funzione didascalico-esplicativa. Committente, destinatario, contenuto e descrizione dell'oggetto nell'instrumentum in-scriptum*, Atti del VI Incontro *Instrumenta Inscripta* AAD 83, pp. 479-495.
- VALDEZ MADRID, D. (2019) – *Characterization of mortars associated with the hydraulic system of roman villa Horta da Torre (Fronteira, Portugal)*. Master thesis in ARCHMAT Erasmus Mundus, Universidade de Évora [policopiado].

- VALERO TEVAR, M. A. (2013) – The late-antique villa at Noheda (Villar de Domingo García) near Cuenca and its mosaics, *Journal of Roman Archaeology* 26, pp. 307-330.
- VAQUERIZO GIL, D., NOGUERA CELDRÁN, J.M. (1997) – *La villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba). Decoración escultórica y interpretación*, Murcia.
- VOLPE, G. (2006) – *Stibadium e convivium* in una villa tardoantica (Fragola-Ascoli Satriano), in SPAGNUOLO, M.; VIGORITA, T.; VOLPE, G., ed. – *Studi in onore di Francesco Grelle*, Bari, pp. 319-349.
- VOLPE, G. (2011) – *Cenatio et lacus*. Il ruolo dell'acqua negli spazi conviviali in alcune residenze tardoantiche. *Scritti di Storia per Mario Pani*, Bari, pp. 507-527.
- VOLPE, G. (2019) – Lussi urbani in campagna. Paesaggi rurali in città, in MODOLO, M.; PALLECCHI, S.; VOLPE, G.; ZANINI, E., ed. – *Una lezione di Archaeologia globale. Studi in onore di Daniele Manacorda*, Bari, pp. 215-227.
- VROOM, J. (2007) – The archaeology of late-antique dining habits in the Eastern Mediterranean: a preliminary survey of the evidence, in GUTTERIDGE, A.; SWIFT, E.; PUTZEYS, T., ed. – *Objects in context, objects in use. Material spatiality in Late Antiquity*, Leiden/Boston, pp. 313-361.
- WEITZMANN, K. (ed.) (1979) – *Age of Spirituality. Late Antique and Early Christian Art. Third to Seventh Century*, Princeton.
- ZARMAKOUPI, M. (2011) – *Porticus and cryptoporticus* in luxury Villa architecture, in POHLER, E.; FLOHR, M.; COLE, K., ed. – *Pompeii. Art, industry and infrastructure*, Oxford, Oxbow Books, pp. 50-61.



FIG. 1 – *Localização da villa da Horta da Torre na Península Ibérica.*

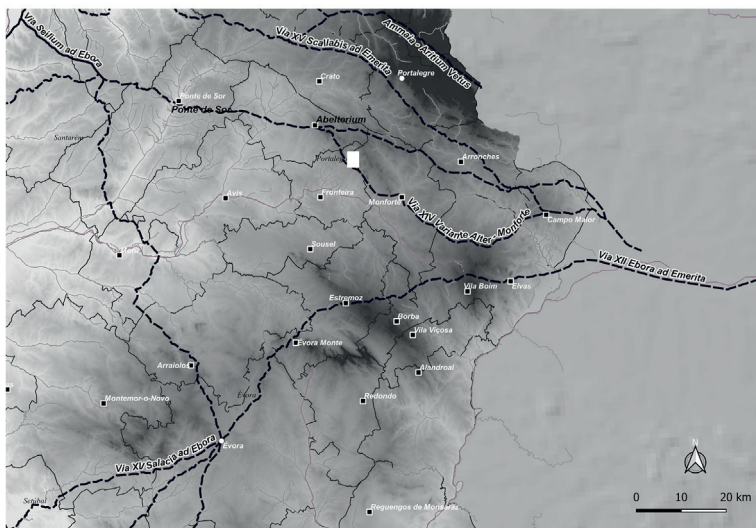


FIG. 2 – *Localização da villa da Horta da Torre na rede viária de época romana no Alto Alentejo (elaboração Jesus García Sánchez).*



FIG. 3 – Área intervencionada no final da campanha de 2019
(foto de João Marques, @Geodrone).



FIG. 4 – Stibadium da Horta da Torre em vista geral no final dos trabalhos de 2014.



FIG. 5 – A estrutura de dupla abside e o stibadium (tratamento gráfico Ana Martins).

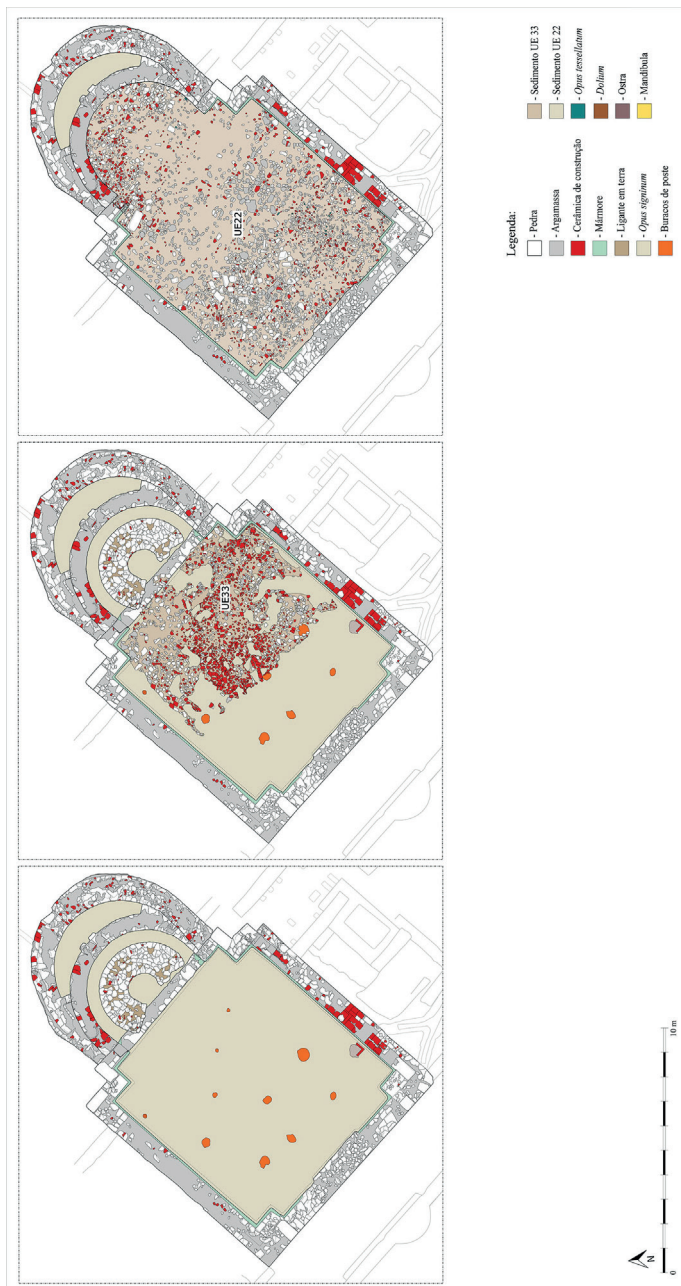


FIG. 6 – Sequência de UEs no interior da sala do stibadium (tratamento gráfico Ana Martins).



FIG. 7 – Proposta de reconstituição 3D do ambiente da sala do Stibadium (Carlos Carpetudo, Gonçalo Lopes e André Carneiro).



FIG. 8 – *Fragmento de fresco que recobria a parede do canto Nordeste do peristilo pequeno (foto de André Carneiro, recolha a 13/09/2016).*

ÍNDICE GERAL

FRANCISCO B. GOMES

A indumentária na Idade do Ferro do sul de Portugal: reflexões a partir do caso da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) 5

MARTÍN FERNÁNDEZ CALO

Os Callaeci e a questão eponímica: uma crítica historiográfica 51

ANDRÉ CARNEIRO

A Villa da Horta da Torre (Fronteira): um modelo de monumentalidade na arquitetura rural privada da Lusitania..... 87

ANA MARGARIDA ARRUDA, CARLOS PEREIRA, ELISA SOUSA,
ARTUR MATEUS, DIOGO VARANDAS, MARGARIDA RODRIGUES

Monte Molião durante a dinastia Antonina: leituras através das importações cerâmicas..... 125

JOSÉ CARLOS QUARESMA

Comércio no mundo romano e tardo-antigo: uma análise diacrónica, entre arqueologia, história e clima (séculos I a VII d.C.)..... 157

VASCO GIL MANTAS

Notas sobre o eixo viário Olisipo – Bracara e a sua epigrafia..... 209

TÂNIA MANUEL CASIMIRO, JOÃO PEDRO GOMES

Formas e sabores: alimentação e cerâmica em Portugal (séculos XVI - XVIII)..... 259

DANIEL CARVALHO

Gabinetes setecentistas na história da Arqueologia portuguesa: espaços, proprietários e artefactos..... 295

ANA M. ^a SUÁREZ PIÑEIRO <i>Dopico Caínzos, María Dolores; Villanueva Acuña, Manuel,</i> <i>eds. – Aut oppressi serviunt... la intervención de Roma</i> <i>en las comunidades indígenas.....</i>	327
ANDRÉ CARNEIRO <i>Piay Augusto, Diego; Arguelles Álvarez, Patricia, eds.</i> <i>– Villae romanas en Asturias.....</i>	331
MIGUEL ÁNGEL ELVIRA <i>Schattner, Thomas G.; Guerra, Amilcar, coord. – Das Antlitz</i> <i>der Götter – O rosto das divindades. Götterbilder im Westen</i> <i>des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente</i> <i>do Império romano.....</i>	335
MÁRIO DA CRUZ <i>Cisneros, Miguel, ed. – Imitaciones de Piedras Preciosas</i> <i>y Ornamentales em Época Romana: Color, Simbolismo y Lujo.....</i>	339



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



 Santander Totta